

Educação e Desenvolvimento A cooperação com os PALÓP e Timor Leste

Pág. 2/3

O classificador de textos em língua portuguesa

Pág. 2/3



Ode Marítima
por Diogo Infante
em Seul e Tóquio

Pág.4

Fado em Madrid
e Buenos Aires

Pág.4

Macau-Portugal
I Reunião
da Subcomissão
da Língua Portuguesa
e Educação

Pág.4

Educação e Desenvolvimento

A cooperação com PALOP e Timor-Leste

Muitos estudos sobre os efeitos e o impacto da educação na redução da pobreza e na promoção do desenvolvimento têm sido feitos nos últimos anos. Os resultados sugerem que o investimento na educação é uma importante fonte potencial de crescimento, sendo possível identificar correlações positivas entre escolaridade e resultados nos rendimentos.

Há também evidências de correlação negativa entre experiência e sucesso escolar e incidência da pobreza. Ou seja, quanto mais elevados são os níveis de educação, menores são as hipóteses de uma pessoa ser pobre.

Na saúde, há igualmente evidência internacional de que a educação está fortemente ligada à saúde e às determinantes da saúde, tais como comportamentos de saúde, contextos de risco e uso de serviços preventivos. Além disso, constatou-se que um elemento substancial deste efeito é causal.

Os benefícios sociais da educação, sobretudo da educação bá-

sica, são substanciais e justificam o financiamento público deste setor. Daí o Objetivo do Milénio (ODM) 2 – atingir o ensino primário universal.

O prazo de vigência dos ODM termina em 2015. Seguir-se-ão os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). A educação mantém-se como objetivo a alcançar mas agora definido de forma mais abrangente: ODS 4 – Assegurar uma educação de qualidade, inclusiva e equitativa, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

O Camões, I.P., enquanto entidade que «tem por missão propor e executar a política de cooperação portuguesa e coordenar as atividades de cooperação desenvolvidas por outras entidades públicas que participem na execução daquela política» está envolvido no apoio a programas e projetos ligados à promoção da educação com vista ao desenvolvimento, sobretudo nos países africanos

de língua oficial portuguesa e em Timor-Leste.

CABO VERDE

A avaliação externa do sistema educativo é desde dezembro passado o foco da cooperação portuguesa na educação com Cabo Verde, que abrange os ensinos secundário e superior. O projeto, com a duração de um ano, está a cargo do Instituto de Avaliação Educativa, I.P. O objetivo é promover «a avaliação como ferramenta de suporte na regulação e no apoio à melhoria do sistema educativo»

As ações já executadas ou previstas compreendem a formação de avaliadores cabo-verdianos em Portugal ou em regime de *e-learning*, visam capacitar equipas para elaboração de provas válidas e de acordo com os parâmetros internacionais e a aprendizagem das normas e procedimentos da classificação de provas de avaliação externa.

GUINÉ-BISSAU

O programa de reforço da qualidade da aprendizagem através da formação em serviço de agentes educativos (*Programa Ensino de Qualidade na Guiné-Bissau – PEQGB*), desenvolvido pela Fundação Fé e Cooperação (FEC) desde 2012 e até 2016, constitui o cerne da cooperação portuguesa

no setor da educação.

O projeto procura melhorar as práticas pedagógicas e a proficiência em língua portuguesa no pré-escolar, básico e secundário, em linha com as prioridades lançadas pela *Carta da Política Educativa* (2009) e pelo *Plano Trienal para a Educação* (2011).

A normalização conseguida pelo atual governo saído das eleições de abril de 2014, com a regularização de salários em atraso, permitiu que os professores regressassem às escolas e facilitou a execução do PEQGB, que alcançou cerca de 3.200 agentes educativos em formação contínua, o número mais elevado de sempre para um programa no setor.

Paralelamente, iniciou-se a execução de três novas medidas: (1) um curso unificado de língua portuguesa para formação sistemática de todos os agentes educativos abrangidos pelo PEQGB até ao nível de proficiência B2 do QuaREPE (Quadro de Referência para o Ensino Português no Estrangeiro); (2) um programa de construção de jardins-de-infância de iniciativa comunitária (com 5 infraestruturas previstas para este ano); (3) desenvolvimento de capacidades e equipamento de 30 centros de recursos educativos nas escolas, com a missão de *Educação para a Cidadania*.

Ao longo deste ano prevê-se

disponibilizar assistências técnicas ao Ministério da Educação nos subsectores de planeamento e avaliação do sistema educativo, gestão e administração escolar e desenvolvimento curricular, em articulação, sempre que possível, com a UNICEF e a gestão do programa do Fundo da Parceria Mundial Educação para a Guiné-Bissau.

No que respeita ao ensino superior, prossegue o apoio à Faculdade de Direito de Bissau, contribuindo para a oferta de formação superior no país e para a consolidação do sistema jurídico-judiciário e do Estado de Direito.

MOÇAMBIQUE

A cooperação no setor da educação de Moçambique é vasta. Portugal, com mais-valias no setor, alinha as suas intervenções pelas prioridades e solicitações das autoridades moçambicanas, combinando modalidades e formas de cooperação para os diferentes níveis de ensino, nomeadamente técnico-profissional e superior, bolsas de estudo e apoio ao FASE – Fundo de Apoio ao Setor da Educação.

O projeto na área do ensino técnico-profissional – no qual a Cooperação Portuguesa foi sempre um financiador relevante – iniciou-se em 2001, no quadro da reforma decidida pelo gover-

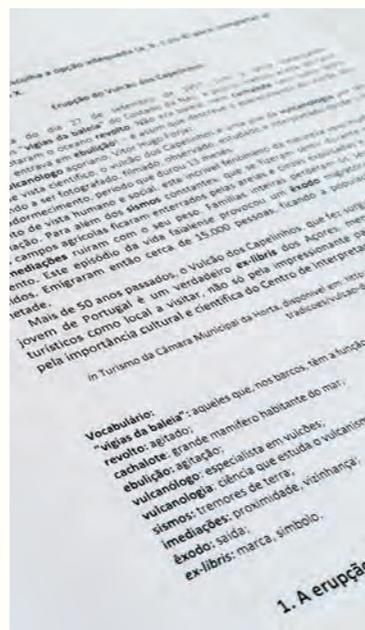
O classificador de textos em língua portuguesa

A seleção dos textos das provas de avaliação da aprendizagem de Português Língua Estrangeira (PLE) na rede do Ensino Português no Estrangeiro (EPE) tutelada pelo Camões, I.P., é feita, pelo segundo ano consecutivo, com recurso a uma ferramenta informática que os classifica de forma automática pelo seu grau de dificuldade.

Essa ferramenta, denominada ‘Classificador LX-CEFR’ e que classifica os textos usados nas provas através da «análise quantitativa de um conjunto de métricas linguísticas», está desde abril passado disponível em linha (*online*) no Centro Virtual Camões em <http://cvc.instituto-camoes.pt/tecnologias-da-lingua/classificador-lx-cefr.html>.

A criação do classificador resulta de uma encomenda do Camões, I.P. ao NLX-Grupo de Fala e Linguagem Natural do Departamento de Informática da Universidade de Lisboa, coordenada pelo professor António Branco.

O classificador destinado a apoiar a elaboração das provas de certificação de conhecimento de PLE – atualmente a decorrer desde maio passado em diversos países



e que se vão prolongar até ao final de 2015, nos países em que o ano letivo coincide com o ano civil – pode também ser usado em apoio da seleção de materiais para o ensino. Mas, como sublinham os seus criadores, a análise quantitativa das métricas linguísticas «não se

destina a ser usada em substituição das decisões que visa apoiar».

«Estas métricas são relevantes na perspetiva das exigências linguísticas que o texto coloca ao nível do seu processamento no momento da leitura», afirma um responsável da Divisão de Programação, Formação e Certificação (DPFC), que tomou a seu cargo, do lado Camões, I.P. a participação no projeto. Há uma ligação entre a parte cognitiva do processamento da leitura e as ferramentas que «nos vão depois ajudar a chegar a alguma conclusão sobre o texto».

Como critério para estabelecer os graus de dificuldade dos textos foi utilizado o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR), que tem 6 níveis de proficiência (A1, A2, B1, B2, C1, C2). No entanto, como na rede EPE é utilizado o Quadro de Referência para o Ensino Português no Estrangeiro (QuaREPE), que só tem 5 níveis (o sexto nível, C2, corresponde à mestria que os jovens em idade escolar não atingem), a ferramenta de classificação dos textos, desenvolvida para o contexto da rede, só apresenta 5 níveis.

A DPFC enfatiza a complexidade do elemento chave de construção do classificador – a escolha dos parâmetros adequados a cada nível de proficiência suscetíveis de medição no texto. Foram assim identificadas 3 áreas principais

ao nível do processamento da leitura, embora pudesse haver mais, garantem na DPFC. Mas essas 3 áreas eram quantificáveis e dentro do leque de ferramentas informáticas de alguma forma já disponíveis. Foram elas: (1) a complexidade lexical; (2) a complexidade estrutural do próprio texto; (3) e a coesão.

CALIBRAR O SISTEMA

Explicando o que se entende por ‘complexidade lexical’, o responsável da DPFC afirma que da teoria é sabido que «as palavras mais frequentes são mais facilmente processadas do que as menos frequentes; e que as que têm um sentido literal são mais facilmente compreendidas do que as que têm um sentido abstrato, polissémico». A partir daqui estabeleceram-se 3 indicadores que a aplicação informática vai medir: «(1) tamanho médio das palavras em sílabas; (2) frequência das palavras; e (3) densidade lexical», entendendo-se esta última como «a percentagem de palavras distribuídas por cada classe morfológica» (nomes, verbos, etc.).

Quanto à complexidade estrutural, ela parte de duas noções básicas: das frases simples para as frases complexas e das frases curtas para as frases longas. Com efeito, «quanto mais curta é a frase, mais facilmente ela é processada». O ponto final estabelece um

«momento de *parsing* [análise] sintático». Tendo em conta aquelas duas noções, apuram-se 3 indicadores: o tamanho da frase em palavras, fornecido pela aplicação desde logo; o índice de legibilidade (índice de Flesch), que é a média de palavras, dividida pela média de sílabas por palavra, índice este que «se revelou bastante acertado»; e os ‘constituintes de nível elevado’: tipo de orações – subordinadas, causais, concessivas, etc. – que aparece na frase. Com todos estes dados estabelece-se a complexidade estrutural do texto.

Medir o nível de coesão e coerência é o mais difícil, em particular a coerência, «porque é essencialmente uma construção do leitor». Mas há algumas características explícitas que dão pistas sobre a coesão – a utilização de conectores, parágrafos, etc., isto é, se o texto tem elementos que facilitem ou não a coesão.

Definidos os parâmetros a medir, o sistema foi depois ‘treinado’ e calibrado. Partiu-se do *corpus* de textos utilizados nos 40–50 exames de certificação, o qual, embora curto (125 textos, 690 frases e 12.231 palavras), tinha sido classificado por avaliadores para os vários níveis de proficiência.

Depois deste ‘treino’ do sistema, que apenas extraiu as características linguísticas dos textos, estes foram novamente passados de forma ‘cega’ pela ferramenta



no moçambicano. A intervenção centra-se na reorganização curricular, na formação de professores, diretores e técnicos do Ministério da Ciência e Tecnologia, Ensino Superior e Técnico Profissional (MCTESTP) de Moçambique, na elaboração do quadro legal dos cursos e dos normativos de funcionamento das escolas e no levantamento da tipologia dos equipamentos didáticos, tecnológicos e oficinais necessários

As escolas profissionais (EP) de Moçambique já formaram mais de 25.000 alunos. A maior parte está empregada, outros criaram o seu próprio emprego e alguns pros-

para ver se a classificação obtida batia certo com o nível de proficiência a que originalmente se dirigiam. E concluiu-se que era preciso fazer acertos. Os textos voltaram depois a ser classificados por cinco avaliadores, uma tarefa que se mostrou difícil: apenas um texto recebeu uma classificação unânime, enquanto 17,27% receberam a mesma classificação por pelo menos 4 anotadores e 67,27% por pelo menos 3 anotadores.

O responsável da DPFC alerta que «há uma coisa que a ferramenta não analisa nesta fase: o conteúdo». A estrutura de uma frase e todos os seus elementos linguísticos podem ser perfeitamente compatíveis. Mas se a frase ‘o João deu o bolo à Maria’ pode ter o mesmo número de sílabas e uma estrutura igual à da frase ‘o copta deu o bolo ao súbdito’, um aluno vai perguntar-se certamente o que é que é um ‘copta’ ou um ‘súbdito’. Isto é, o classificador não analisa o conteúdo.

Assim, esta ferramenta não se destina a substituir a decisão humana, destina-se a assistir a decisão humana, para poder ser tomada uma decisão mais informada. Há toda a parte do conteúdo que cabe ao classificador dizer: ‘este é um texto adequado para este nível, ou não’. O que passa a ter com esta ferramenta é apenas um RX linguístico, de métricas quantificáveis do texto.

seguiram os estudos. A formação inicial de professores das escolas profissionais moçambicanas decorre em Portugal (em escolas profissionais e na Universidade Católica do Porto). No 1º curso (2009-2012) graduaram-se 19 alunos, no 2º curso (2010-2013) 23 e encontram-se a frequentar o 3º curso (2013-2016) 15 alunos.

O projeto permitiu melhorar a gestão e o planeamento das EP, o sucesso escolar e a aquisição de competências pelos alunos. O facto de algumas escolas terem também uma função de produção, promove a sua sustentabilidade e o empreendedorismo dos alunos. A Prova de Aptidão Profissional e o Estágio Profissional, no fim do curso, constituem uma forma de valorização e integração profissional junto das empresas. O reforço da ligação às comunidades – famílias e empresas – também tem contribuído para uma dinamização da economia local

Para a consolidação e expansão sustentável do atual modelo, o projeto estabeleceu ações para o curto, médio e longo prazo, entre as quais a criação da Rede das EP e da Associação dos alunos das EP – para estabelecimento de intercâmbios, disseminação de práticas e experiências e o seguimento pós-formação – e de 2/3 EP formadoras de professores – para criar sustentabilidade técnica e pedagógica.

No ensino superior, a cooperação entre a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (FDUL), a Faculdade de Direito da Universidade Eduardo Mondlane (FDUEM) data de 1991 e «tem por objetivo a criação das condições de autossustentação [da faculdade moçambicana], quer ao nível do seu corpo docente, quer ao nível dos diversos serviços que presta à comunidade».

Em 2010 a cooperação foi estendida à Faculdade de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade do Zambeze (UniZambeze), escola pública criada em 2007 e sediada na cidade da Beira, a segunda mais importante do país.

A cooperação com as duas universidades moçambicanas traduz-se na lecionação de diversos cursos com a participação de docentes da FDUL, como é o caso, atualmente, do II Curso de Doutoramento em Direito (FDUEM), do IV Mestrado em Ciências Jurídico-Económicas (FDUEM), do I Curso de Pós-Graduação em Ciências Jurídico-Empresariais (FDUEM), das licenciaturas em Direito (FDUEM e Unizambeze) e dos cursos de Mestrado (FDUEM).

A cooperação entre o Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) com a Faculdade de Economia (FE) da UEM iniciou-se em 2007 com o lançamento dos mestrados em Economia do Desenvolvimento e em Gestão Empresarial. O objetivo foi

«contribuir para a constituição de capacidades autónomas no funcionamento» da FE/UEM. O programa para o biénio 2014/2015 propõe-se ajustar a formação dos gestores e economistas moçambicanos ao atual contexto de exploração de novos recursos naturais no país. A interação entre as duas instituições abrange outras áreas – reformulações curriculares, novas pós-graduações, investigação conjunta e sinergias entre centros de investigação.

Inserido no Programa Nacional e na Estratégia de Ciência, Tecnologia e Inovação de Moçambique, o mestrado em Biotecnologia – Biotrop, desenvolvido pelo Instituto de Investigação Científica e Tropical de Portugal e pelo Centro de Biotecnologia da UEM, visa capacitar quadros moçambicanos na área da biotecnologia ambiental e agrícola. Em última análise, atuando em vários setores, pretende melhorar a segurança alimentar do país. O mestrado em Biologia Aquática e Ecossistemas Costeiros resulta de uma colaboração entre a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e a Faculdade de Ciências da Universidade Eduardo Mondlane. Visa dotar o setor público e privado, incluindo o universitário, de recursos humanos especializados e de nível avançado, em áreas de carência crítica em Moçambique relacionadas com o Mar, Ambiente e Recursos.

Por último, o projeto ‘Escolinhas’, no ensino pré-escolar, decorreu entre 2012 e 2014 integrado no *Cluster da Cooperação Portuguesa na Ilha de Moçambique*. Foi uma intervenção dirigida à camada mais frágil da população residente, crianças em idade pré-escolar e mulheres. Em 2015 estão a frequentar a escolinha da Ilha de Moçambique 210 crianças. Está em negociação com as autoridades moçambicanas a 2ª fase do *Cluster* para 2015-2018, que contempla a expansão da intervenção no ensino pré-escolar na Ilha e na zona continental.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

O projeto Escola+ está desde 2013 na sua 2ª fase, que se prolonga até 2017. A 1ª fase (financiada através do Fundo da Língua Portuguesa) promoveu a qualidade do ensino através do reforço do ensino secundário e das competências em língua portuguesa enquanto idioma oficial e veicular de ensino. Para isso, o projeto atuou na adaptação e diversificação dos currículos escolares, no reforço das competências técnicas dos professores, na melhoria da capacidade de gestão e na reabilitação de infraestruturas escolares.

A 1ª fase representou uma transição de metodologia de intervenção por parte da Cooperação Portuguesa no ensino são-tomense, apostando-se numa lógica de formação dos profes-



sores locais, em detrimento da lecionação direta.

No balanço estão 11 escolas secundárias com obras de reabilitação e reequipamento; criação de 5 novos cursos secundários profissionais «qualificantes» (da 9ª à 12ª classe) no liceu nacional e de 3 cursos de educação profissional (CEP – 6ª à 8ª classes) em 4 escolas; 500 professores objeto de ações de capacitação; instalação do Centro de Recursos Educativos e de Formação (*Ke Mese* – Casa do Professor); elaboração de documento de caracterização do ensino secundário de São Tomé e Príncipe; preparação de 7 diplomas legais; ações diversas de formação para diretores, funcionários e inspetores escolares. Sublinhe-se que entre 2008 e 2013 o número de alunos no ensino secundário aumentou 113%, tendo o projeto Escola+ contribuído para esta subida.

A 2ª fase, também financiada pela Cooperação Portuguesa, centra a sua ação na melhoria das competências dos professores e na capacitação dos serviços do Ministério da Educação. No presente ano letivo, o projeto conta com 13 professores portugueses e 1 coordenadora pedagógica no terreno. A equipa de coordenação local é constituída por 4 são-tomenses.

No âmbito da cooperação no ensino secundário, o Camões, I.P. tem ainda apoiado o Instituto Diocesano de Formação João Paulo II (IDF) através da contratação de professores para lecionarem naquela escola, sobretudo nas áreas científica e da língua portuguesa. Decorre o processo de conversão em escola portuguesa do IDF, que tem paralelismo pedagógico com o sistema de ensino português e ministra aulas da 5.ª à 12.ª classe,

TIMOR LESTE

A intervenção da Cooperação Portuguesa no sistema educativo de Timor-Leste abrange vários

graus de ensino, apostando essencialmente em projetos de (1) capacitação dos profissionais e de (2) proficiência na língua portuguesa.

O Projeto de Formação de Professores do Ensino Básico resulta de uma parceria entre o Camões, I.P. e a Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL). Tem como objetivo geral melhorar a qualidade do ensino em Timor-Leste e consolidar o português como instrumento para aquisição e acesso ao conhecimento, visando nos seus objetivos específicos o reforço das competências dos futuros professores do ensino básico e o reforço da utilização da língua portuguesa como veículo de ensino.

Outro projeto bilateral em curso, envolvendo os ministérios da Educação dos dois países, é o das escolas de referência, atualmente designadas por Centros de Aprendizagem e Formação Escolar (CAFE), O projeto, renovado em janeiro passado por 4 anos a coberto de um protocolo de cooperação, prevê a colocação de professores



portugueses que lecionem nestes CAFE e promovam formação pedagógica a jovens professores timorenses. Presentemente conta com 11 estabelecimentos de ensino localizados em vários distritos do país (previsão de abertura de mais dois estabelecimentos em 2015, em Viqueque e em Ainaro), nos quais alunos e professores timorenses beneficiam das melhores práticas educativas com base no curriculum nacional de Timor-Leste, em língua portuguesa.

Por último, o projeto de criação do Instituto da Língua Portuguesa, em Díli, junto da UNTL, através de um memorando de entendimento com o Camões, I.P., de janeiro de 2014, permitirá a colocação de 10 professores de língua portuguesa no apoio aos vários departamentos daquela universidade e de um coordenador-adjunto do Camões, I.P. na área científico-pedagógica para a formação e ensino de Português Língua Segunda.

Fado em Madrid e Buenos Aires

❗ O Festival do Fado de Madrid, nascido em 2011, volta este mês de junho à capital espanhola a 26, 27 e 28 nas salas dos Teatros del Canal, com concertos em dias sucessivos de Carminho, Raquel Tavares e Cristina Branco.

O Festival do Fado, uma coprodução da Alto e Bom Som e da *Everything is New* com diversos apoios, entre os quais do Camões, IP, já é mais do que um mero festival. É uma marca, que se apresenta em metrópoles europeias e latino-americanas. O festival acabou de fazer a sua edição deste ano em Buenos Aires, de 10 a 13 de junho, no âmbito das comemorações do Dia de Portugal, com concertos de Raquel Tavares, José Manuel Neto (guitarrista) e Mísia.

O programa do festival de Madrid compreende, além dos concertos, uma conferência de Aldina Duarte sobre 'As mulheres no Fado' – em consonância aliás com o tema da edição deste ano. «De Severa a Amália ou às novas divas, a mulher ocupa um lugar de absoluta centralidade no percurso de gradual consagração do Fado, como protagonista dos grandes momentos da sua história», escreveu Sara Pereira, diretora do Museu do Fado, em Lisboa, que acrescenta: «inspirando a criação poética dentro de um inventário ilimitado de sentimentos, a mulher é também a intérprete, por excelência, de um certo *pathos* melancólico ontologicamente interiorizado pelo Fado onde, ainda hoje, nos projetamos coletivamente».

A conferência de Aldina Duarte será seguida da exibição no Cine Doré da Filmoteca Española do documentário *Aldina Duarte a Princesa Prometida* (2009), de Manuel Mozos. O cinema é aliás uma das vertentes deste festival. No Cine Doré, no dia abertura, será projetado o videoclip em *technicolor* dos anos 70, de Augusto Cabrita, *Amália Canta 'Oíça Lá Ó Senhor Vinho'*. E a 27 de junho, na mesma sala, o documentário de Ivan Dias *Não sei se canto se rezo* (2011), sobre a fadista Argentina Santos.

A exposição *Com esta voz me visto - O Fado e a Moda*, com «os trajos de cena que ilustram todo o processo de construção da imagem dos fadistas mais importantes da história» completa uma programação que tem ainda alinhada uma conferência sobre o tema *O fado na moda*, por Bárbara Coutinho.

O 2º Festival do Fado de Buenos Aires decorreu sob o signo de *Os Poetas e as Palavras do Fado*, título também de uma exposição com o selo do Museu do Fado de Lisboa, que esteve patente na sala maior da Usina del Arte, onde decorreu o festival. Do alinhamento, constaram também filmes vários e três conferências, *O Fado na Poesia e Poesia do Fado*, por David Ferreira, *A Música das Palavras*, por Aldina Duarte, e *Imagens do Fado na Arte Portuguesa* (Sécs. XIX- XXI), por Sara Pereira.



Macau-Portugal I Reunião da Subcomissão da Língua Portuguesa e Educação

❗ A cooperação entre as instituições do ensino superior, o reconhecimento de habilitações e o ensino, formação de professores e investigação de língua figuraram na ordem de trabalhos da primeira reunião da subcomissão de língua portuguesa e educação da comissão mista Portugal-Macau, que teve lugar a 1 e 2 de junho em Lisboa entre delegações chefiadas do lado português Presidente do Camões, I.P., Ana Paula Laborinho, e do lado macaense pelo Coordenador do Gabinete de Apoio ao Ensino Superior, Sou Chio Fai, segundo o comunicado final saído da reunião.

Ode Marítima por Diogo Infante em Seul e Tóquio



❗ O espetáculo *Ode Marítima*, baseado no poema de Álvaro de Campos, um dos heterónimos de Fernando Pessoa, na interpretação teatralizada que dele é feita pelo ator e encenador Diogo Infante (n. 1967), vai ser apresentado a 26 de junho no You Theatre de Seul, na Coreia do Sul, e a 30 de junho no Cocoon Theatre de Tóquio, no Japão, em sessões que serão seguidas de conversas com o público.

Não é a primeira vez que este espetáculo do antigo director Teatro Maria Matos e do Teatro Nacional D. Maria II, estreado em 2014 no Teatro Municipal de São Luiz (TMSL), em Lisboa, e levado ao Teatro Nacional de São João (TNSJ), no Porto, é apresentado perante plateias no exterior de Portugal. Este ano, o espetáculo efetuou uma digressão pelos Estados Unidos, tendo sido apresentado Washington (no âmbito do festival *Iberian Suite*, no Kennedy Center) e ainda em Nova Iorque e New Jersey.

Segundo Diogo Infante, a digressão pela Ásia «surge no seguimento de uma série de contactos feitos com o objectivo de internacionalizar» o espetáculo. «Elaborámos um projecto que foi dirigido a várias dezenas de estruturas, teatros, centros culturais, embaixadas, etc.», e do Japão «veio uma resposta positiva pela parte do Sakurama Theatre Group». A directora, «a Sra. Sakurama, veio a Portugal ver o espetáculo e trouxe com ela um director de um teatro em Seul. Ambos gostaram muito e mobilizaram-se para reunir as condições que nos permitissem levar o espetáculo», explicou Diogo Infante em entrevista de que se transcreve o essencial.

– **Que significado tem esta teatralização de um texto poético de Fernando Pessoa? Porquê este texto no concreto?**

A génese deste espetáculo nasce em 2012, quando a direcção do Festival das Artes em Coimbra me convidou a fazer uma leitura encenada da *Ode Marítima*. Desafiei a Natalia Luiza para me dirigir e o João Gil para me acompanhar. A apresentação foi ao ar livre numa noite quente de verão,

com a lua cheia a marcar presença, perante uma plateia de 800 pessoas. A experiência foi verdadeiramente forte e marcante e, embora se tratasse de uma leitura, nem por isso foi menos catártica! Percebemos claramente o potencial que o poema encerra de chegar às pessoas, de lhes tocar a um nível subliminar. Isso deixou-nos a convicção de que tínhamos que criar um espetáculo a partir daquele momento e foi o que aconteceu 2 anos mais tarde, com a coprodução do TMSL, do TNSJ e com o apoio do Montepio.

– **Como explicar esta opção por levar o espetáculo a públicos que nem sempre o dominam a perfeição (caso das comunidades) ou não dominam de todo o idioma? Como foi resolvido o problema da compreensão do texto?**

(...) Neste espetáculo criámos um equilíbrio formal através do espaço cénico, luz, música, imagem e voz, que permite a sua fruição, independentemente da relação directa com o texto. Convém, naturalmente que haja um conhecimento prévio do universo do poema. (ele é disponibilizado na língua do país de acolhimento) para facilitar a identificação dos vários momentos e dos vários portos por onde o poema vai navegando, mas a linguagem corporal, o tom, a emoção, os ritmos, e a legendagem que acompanha o texto, são pistas suficientes para um espectador disponível e atento poder aderir ao espetáculo.

– **Das experiências havidas nos Estados Unidos qual tem sido a percepção com que ficou da reação do público estrangeiro? E a reação da crítica?**

A percepção que temos da experiência nos EUA vem reforçar o que acabei de explicar. Tivemos um público eclético, com graus diferentes de domínio do português. A reacção foi consensual e entusiasta. Naturalmente que o esforço que é exigido de um público que não fale uma palavra de português é maior, mas esse desafio pode ser com-pensador. Estará certamente mais

atento a outras subtilidades e nuances que o espetáculo contém. (...) Ouve uma crítica em particular, do *DC Theatre Scene*, que foi muito positiva e que pareceu identificar todos os momentos chave do espetáculo, para além da forma entendida como contextualiza a leitura da *Ode Marítima* na obra do Pessoa (...).

– **Do ponto de vista do espetáculo como resolveu com Natalia Luiza o problema de dar espessura cénica a um texto que, em princípio, se poderia ficar pela simples declamação?**

Através da apropriação do poema, ou seja, o desafio foi tornar aquelas palavras minhas, como se as dissesse pela primeira vez, como quem verbaliza um pensamento e se deixa levar por ele. Claro que a grande dificuldade está em tornar isso aparentemente simples num texto de grande complexidade. Sabíamos que não tínhamos uma personagem *per se*, não queríamos criar um Álvaro de Campos nem tão pouco um Diogo, mas antes um ser, uma entidade, que somos todos nós, toda a humanidade e ninguém. A música que o João Gil compôs foi-me criando ancoradouros emocionais, umas vezes bóias de salvamento outras faróis que me guiavam na noite, mas sobretudo preenchia o vazio de uma profunda solidão. Creio que todo o dispositivo cénico contribui para criar este cais, ora real ora imaginário, de onde os navios e a alma deste homem, partiam e chegavam.

– **Numa entrevista declarou que este era o maior desafio profissional que abraçara. Qual o significado deste espetáculo no seu percurso profissional?**

Indiscutivelmente o maior desafio até à data. Pela primeira vez na vida tive um ataque de pânico. Não só porque me propus decorar 904 versos mas sobretudo porque a exigência era senti-los, por dentro. Tecnicamente o poema é muito difícil, as variações, os crescendos, os ritmos, a intensidade. Fico sempre extenuado e se não tiver cuidado, o que raramente tenho, fico rapidamente rouco. É fácil perdermo-nos nas palavras, nas emoções. Cada ideia encerra vários níveis de subtexto, foi preciso fazer opções, compromissos e assumir humildemente que não conseguiríamos nunca abarcar toda as dimensões do poema.

Camões no Mundo

Brasil

Alexandra Lucas Coelho e Matilde Campilho na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP). De 1 e 5 de Julho.

Espanha

Concertos de Carminho, Raquel Tavares e Cristina Branco no Festival do Fado de Madrid, a 26, 27 e 28 de junho nas salas dos Teatros del Canal.

França

Oito criações apresentadas por sete

criadores ou coletivos artísticos de Portugal na 6 edição dos *Chantiers d'Europe* – festival de teatro, dança, música e artes visuais, promovido anualmente em Paris pelo Théâtre de la Ville. Termina a 28 de junho.

FOLISBOA, 1ª edição do festival de música lusófona em Le Grand Rex de Paris, numa iniciativa desta sala de espetáculos e da agência artística *Visiteurs du Soir*, em parceria com a agência artística portuguesa UGURU. Paris, de 26 a 28 de junho.



Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt
jlenkarte@camoes.mne.pt

PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Paula Saraiva
COLABORAÇÃO Carlos Lobato